

★ SOBREVIVÊNCIA POÉTICA

Marina Caron

Marina Caron é Mestra em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), especialista em Corpo: Dança, Teatro e Performance (ESCH) e especialista em Dança Contemporânea pela The Place - London Contemporary Dance School (LCDS), em Londres. Graduada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora de Expressão Corporal no Teatro-escola Célia Helena (TECH) desde 2004. Atuou como bailarina, criadora e diretora de dança junto ao Estúdio Nova Dança e a Cia.Oito Nova Dança de 1998 a 2011.

Palavras-chaves:
Arte.
Expressão Corporal.
Pandemia de
Covid-19. Corpo.
Ensino remoto.

Keywords
Art.
Body Expression.
Covid-19 Pandemic.
Body.
Remote education.

Resumo: Este é um ensaio-relato, um texto sobre as ações artísticas na pandemia do Covid 19 de 2020 e o surgimento de novas estratégias pedagógicas para o trabalho de Expressão Corporal. Nele abordo minha experiência com estudantes do Célia Helena Centro de Artes e Educação, considerando a vital importância do trabalho profundo de consciência corporal, assim como, o encontro e a troca criativa com o outro, ainda que pelas plataformas virtuais. O texto destaca a essência do fazer artístico entendendo que sua continuidade é uma questão de sobrevivência poética.

Abstract: This is an essay-report, a text about artistic actions in the 2020 pandemic of Covid 19 and the urgency of new pedagogical strategies for Body Expression work. In it, I report my experience with students at the Célia Helena Centro de Artes e Educação. I consider the importance of the deep work of body awareness as vital, as well as, the meeting and the creative exchange with other people, even through virtual platforms. I highlight the essence of artistic making considering its continuity is a poetic survival.

Sobre a ação artística na pandemia

Em março de 2020, o mundo se viu mergulhado em uma experiência inédita e assustadora. A pandemia do novo coronavírus chegou violenta e duradoura. Passamos por fases diferentes e tentamos, dia a dia, elaborar o que isso significava, que impacto essa ameaça teria nas nossas vidas e nas nossas produções artísticas.

Em abril de 2020, o jornal O Estado de S. Paulo me procurou para uma entrevista publicada no caderno especial intitulado “Na Quarentena”. Naquele momento eu dizia que não devíamos nos

costrar pela produtividade em um momento tão difícil. Afirmava que via potencial para ser um momento forte de expressão como, normalmente, os momentos de crise são. Enfatizava a importância de estarmos atentos às sensações corporais e finalizava dizendo que o essencial era manter os vínculos afetivos.

Ainda penso exatamente assim, mas tinha, naquele momento, uma perspectiva de viver uma quarentena, quarenta dias em isolamento. O tempo se prolongou, e muito. E passamos a enfrentar o vírus, em um momento político e social especialmente tenso no Brasil. Nós nos defrontávamos com tantas ameaças e retrocessos, nos deparáva-

mos com a grande desigualdade social do nosso país, a imensa miséria e todas as atrocidades consequentes desse trágico cenário.

Ficamos em casa. Mas não descansados. Ficamos aflitos, lidando com o medo da doença e da morte. Ficamos indignados e feridos. Ficamos sem perspectiva de futuro. Ficamos, ainda, sem contato, sem toque, sem arte.

Se corpo é relação, como pode um corpo se entender sem o outro? A pele foi perdendo a sensibilidade. O corpo estava perdendo as forças de vagarinho. Deixando de ter vontade. Jogado de um sofá para outro. De uma cama para outra. Exigido a permanecer, imóvel, longos períodos, enquanto, por dentro, vivíamos uma intensa movimentação. A espera foi se tornando penosa e infinita.

Era preciso respirar

E respirar significava trocar os ares. Trocar com o outro. Procurar o encontro, seja lá o que significasse encontro nessa situação.

Muitos espaços de arte, escolas, museus, teatros, galerias abriram suas portas em plataformas virtuais. Começamos a ser alimentados por uma enorme quantidade de vídeos, visitas virtuais e lives, que permitiram, minimamente, que as pessoas pudessem se encontrar, mesmo que on-line e compartilhar momentos, ideias, registros desse novo modo de ser e estar.

Artistas da dança, de peso na cena paulistana, como Juliana Moraes,¹ Diogo Granato² e Henrique Lima³ mobilizaram-se para disponibilizar seus próprios materiais para além de seus estúdios e suas casas. Juliana Moraes em seu projeto Dança para afastar a peste, fez projeções em vídeo na parede do prédio vizinho: imagens dela e de outros bailarinos dançando. Imagens lindas de movimento que ganharam amplitude e alcance. Diogo Granato lançou o vídeo Home casa, em que ele dança com muita energia e vitalidade, rompendo o espaço diminuído da casa e desafiando o próprio corpo às adaptações e transgressões. Henrique Lima fez

uma live pelo Instagram a partir de seu trabalho solo Brutos que respiram, onde dançava com muita intensidade frente a uma câmera, sozinho, em seu estúdio de criação.

O material do artista do corpo é o corpo. O mesmo corpo ferido, indignado, amedrontado. Um corpo que privado de contato e troca direta, ainda sente necessidade imensa de transbordar, expor-se, manifestar-se. Frente à doença e à morte, o corpo dançante grita a sua vida.

Nesse período, também senti essa necessidade de seguir com minha pesquisa de Mestrado Profissional em Artes da Cena, realizada na Escola Superior de Artes Célia Helena⁴. Nesta pesquisa, investigo vias de acesso internas do corpo que favorecem a expressão do artista da cena. Me interessa saber **como** o criador dá vazão à sua rede de afetos e se expressa fisicamente.

Trabalho com dois artistas da cena: Marcelle Lemos⁵ e Mateus Menoni⁶ que acompanharam minha pesquisa de Mestrado, intitulada Corpo, transborda. Ambos formados pelo Teatro-escola Célia Helena e com formação complementar em Dança Contemporânea. Fiz para eles a pergunta: no espaço restrito e no isolamento o corpo também “vaza”, se expressa? E pedi a resposta em forma de partitura corporal. Essa prática, que nomeio depoimento corporal, é uma prática recorrente na minha pesquisa e, portanto, familiar para ambos. A movimentação que surgiu é carregada de desejo de vida e de esperança.



A sensação de fazer esse improviso/relato foi bem diferente de qualquer outra. Têm sido alguns meses em que pareço estar em um estado de anestesia criativa; as sensações estão ali, os impulsos estão ali, mas o

corpo parecia não reagir. Efeitos da quarentena. Um pouco antes de gravar, estava na sala de casa, próximo à porta, e resolvi colocar a música e ficar ali, disponível para quando essa “anestesia” minimamente passasse e então conseguisse deixar transbordar o que

estava sentindo. Quanto à sensação que tive de fazer esse relato e enquanto dançava, acho que foi como se estivesse pondo para fora um grito, mas ao mesmo tempo, como se fosse um grito embaixo d'água, desses cujo barulho não é o foco, mas sim a sensação de alívio de pôr para fora. (MENONI, 2020, n/p).⁷



O improviso se deu em um momento que meu corpo urgia estar em cena e não necessariamente a cena do palco. Era a cena do dia a dia, de caminhar com função e propósito, de estar presente, de ser ferramenta de afeto nos espaços e entre as pessoas. Um corpo que foi obrigado a se calar, abriga uma mente aprisionada e traz à tona emoções que a gente não entende de onde vêm e que racionalmente não fazem sentido, eram apenas emoções de um corpo que não agia mais sobre o mundo. Foi então que vi uma faixa de parede vazia com um foco de luz do sol entrando pela janela acima e coloquei-me a mover. O corpo rígido e sem significado lembrou que existia, o que era e o que fazia. E ficou sacramentado para mim que o existir não está atrelado ao pensar, mas sim a ter um corpo e com ele sentir o mundo. Eu não sei bem o que aconteceu, mas me encontrei viva e capaz de novo. O curioso, no entanto, foi ver o vídeo depois. Toda aquela sensação de pertencimento e liberdade não se encontrava fielmente reproduzida naquele corpo que estava parado a um tempo. Aparentava-se completamente diferente de como se apresenta durante a rotina normal com o trabalho de corpo constante. Mas naquele momento nada importava, pois o corpo lembrou. (LEMOS, 2020, n/p).⁸

Era preciso sentir

Em seu relato, Mateus Menoni traz a importância de acordar os sentidos e se refere a um estado de anestesia. Uma anestesia não só de sentir, mas de expressar. Desse “grito” contido e abafado

dentro de nós. O corpo, que sem contato com o outro, perde-se de si mesmo. Fica sem contorno e sem referência. Fica sem acalanto e diminui a percepção, desabilita os sentidos. Tenho pensado muito nisso. Na pele, no olhar, no encontro presencial, que são vitais para que a gente reconheça o que se passa dentro de nós. Falo sobre mim, mas também sobre o outro. Os outros que nos mantêm vivos.

A maneira pela qual uma pessoa é levada a modificar-se para participar do “Outro” faz com que, ao mesmo tempo, conheça o “Outro” e se conheça, conheça sua própria maneira de ser, suas próprias personalidades (BÉZIERS, 1992, p.146).

Também o deslocamento é muito importante. Sair de um lugar e chegar ao outro, possibilita o tempo necessário para a elaboração do novo momento, o próximo acontecimento. Quando estamos em casa, no mesmo lugar, esse deslocamento fica confuso, as bordas se fundem, e temos a sensação de estar sempre rodando em círculos, em torno de nós mesmos, procurando uma saída, sem destino. Há como que um desconcerto espacial e temporal. Uma espécie de desequilíbrio.

Recentemente na live *Papo no Ar*, da *Escola no Ar*, me perguntaram como eu via o corpo ausente mediado por computadores. O corpo não está ausente e sim em plena batalha, em movimento forte e obstinado por reencontro.

Marcelle Lemos diz, no final de seu relato: “Mas naquele momento nada importava, pois o corpo lembrou”. Temos memória impressa no corpo, são inscrições de experiências e sensações que tivemos que ficam guardadas e latentes. No momento em que acessamos o corpo e o movimento expressivo, também convocamos esses registros que nos relembram nossa história e, com ela, nossas relações, nossos vínculos. Dessa pesquisa do Mestrado e do depoimento corporal desses dois artistas, ficava cada dia mais forte para mim a importância de reabitar a casa-corpo e a casa-moradia.

Sentia em mim mesma e nas minhas alu-

nas e alunos um desejo por continuidade mesmo quando tudo parecia ter sido interrompido. Procurávamos algum modo para elaborar o medo e o luto. Sabíamos que, ainda que cada um em sua casa, era possível estar presente e juntos. Era necessária a experiência dessa nova presença.

Seguia com minhas aulas de Expressão Corporal no Teatro-escola Célia Helena (TECH), curso técnico do Célia Helena. Seguir as aulas era vital. Não poderíamos nos deixar, nem nos afastar nesse momento duro. A prioridade era manter vínculos afetivos, mas os questionamentos eram muitos. Como, se corpo é relação, se é presença, se é olho no olho, podemos dar continuidade a um trabalho expressivo on-line, remotamente? O que é importante nesse momento? O que precisa ser deixado de lado? Como nos reorganizar e nos reconhecer de novo? Queremos conforto? Queremos ser desafiados?

A opção foi retomar os encontros virtualmente pela plataforma Zoom. E os primeiros encontros eram cansativos demais. Estávamos ali, mas não nos sentíamos. Estávamos tristes e derrotados.

Era preciso fechar os olhos

Fechar os olhos e mergulhar dentro. Procurar de novo, até achar a sensação impressa no corpo. Preencher o corpo de sentidos. Não era só um resgate de memória, de conexão, de relação com o outro, mas um novo caminho para ser de um novo jeito.

Passamos o primeiro mês trabalhando com automassagem e reestruturação corporal. Sentia que minhas alunas e alunos precisavam se tocar e voltar a sentir a pele, percutir e voltar a sentir ossos, com suas próprias mãos eles se davam contorno, desenhavam suas imagens e devolviam tridimensionalidade e volume para aquele rosto enquadrado pela tela.

No mês seguinte, novo desânimo. O confinamento e o distanciamento social geravam ansie-

dade ou depressão. A falta de perspectiva negava a vida presente e nos colocava em modo de espera.

Era preciso transbordar

Era urgente começar uma criação que gerasse experiência. Era uma questão de sobrevivência poética.

A experiência não está do lado da ação, da prática, da técnica e, sim, do lado da paixão. Por isso, a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição. (BONDÍA, 2006, p.108, tradução da autora).⁹

Cada turma a seu modo e no seu tempo, foi descobrindo, junto comigo, um universo simbólico para explorar. E essas experiências foram registradas, inicialmente, pelas câmeras dos celulares. Em um determinado momento recebia muitos vídeos por dia. Impulsos pequenos, às vezes, que me mostravam a necessidade de pesquisa, de um olhar específico para esse material, que apesar de filmado, era corpo, corpo vivo e pulsante. E sabia que era importante conservar uma certa artesanania, um fazer verdadeiro e experimental. No mundo virtual as edições, os filtros, as sobreposições, a fusão de imagens, nos colocam em outro lugar, distinto da sensação interna do corpo.

Passei a sugerir temas e apoios bem concretos, como objetos: cadeiras, cordas, lentes, óculos, que funcionassem como prolongamentos dos corpos ou como “outros corpos” com os quais se pudesse contracenar.

Em uma turma pedi que se amarrassem todos, com cordas, em cadeiras. Amarrados lidavam com a câmera, com entradas e saídas, com as explorações de movimento improvisado pelos outros. A dificuldade de estar preso trouxe agressividade e violência no olhar. Enquanto planejavam estratégias de movimentação, mudavam o olhar, observavam os outros. A ação vinha abrupta e desgovernada.

É difícil controlar um movimento com as mãos e braços amarrados. Isso colocava os outros corpos em estado de alerta. Por um momento tínhamos a sensação de que poderíamos nos apoiar fisicamente, como se estivéssemos bem perto.

Na outra turma, a opção foram lentes de óculos, garrafas, taças, que deformavam a imagem e nos davam profundidade, camadas, texturas, cores. Essa oscilação entre imagens turvas e límpidas trouxe lentidão ao movimento. Cada gesto parecia vindo de uma trajetória comprida e dava espaço para o outro olhar e responder. A cumplicidade entre corpos era profunda, um entre tentar enxergar e se dar a ver.

Na terceira turma, o tema escolhido, inicialmente, era animalidade versus humanidade. Havíamos começado a explorar uma prática corporal inspirada no kempô indiano,¹⁰ que trata do estudo da locomoção dos animais. E como seria isso dentro de casa? Sem espaço? Sem energia? Aos poucos fomos entendendo que, nós, seres humanos, somos, nesse momento, bichos confinados. A nossa procura por um pouco de natureza nunca foi tão latente.

A descoberta de que o corpo tem vida própria e capacidade de curar a si mesmo traz esperança. A percepção de que o corpo tem sabedoria e lógica próprias inspira um novo respeito pelas forças instintivas da vida. (LOWEN, 2019, p.202).

Minhas alunas e alunos relataram a necessidade extrema de tomar um pouco de sol, de olhar pela janela, de tomar longos banhos, de se alimentar de sabores novos, de ver o pôr do sol e a lua. Qual seria esse nosso lado selvagem, instintivo, intuitivo, que não suportava mais ficar confinado? E por onde o corpo acharia algum alívio?

As investigações, se iniciaram com registros em vídeo de imagens do corpo preso para novas experiências como comer com as mãos, andar rastejando, nadar na água do chão da varanda, escorregar no sabão, colocar a cabeça embaixo da água

da pia. Os exercícios cênicos finais eram obras de videodança, de dramaturgia física, muito elaboradas e potentes.

No segundo semestre, tínhamos aprendido muito e sabíamos que era preciso: **respirar, sentir, fechar os olhos e transbordar.**

Era preciso reinventar

Reinventar maneiras de criar e fazer poesia nesse momento pandêmico, diante de tanta dor e tanta restrição. As pesquisas geraram novos territórios de exploração, que geraram novas experiências e novas poéticas.

Temos um novo corpo. Um corpo que se comunica pelas telas e se apoia na memória de seus encontros. Um corpo que requer mais cuidado e muita consciência de si. Um corpo que vive intensamente sentimentos desconhecidos e que precisa, urgentemente, colocar-se em movimento para processá-los. Um corpo que busca incessantemente se ver de novo, se reconhecer de novo, ser de novo. Um corpo mais adaptável e resistente.

Vejo um esforço enorme para que as rotinas acomodem atividades distintas. Essa autodisciplina nos deu outra dimensão de nossa própria escuta, desde necessidades básicas como dormir e comer, até necessidades expressivas que precisaram ser garantidas, achar modos de existir. Limites exigem espaços internos maiores e mais fluidos. E, se dentro do corpo, essa busca acontece e é fundamental, também, o espaço externo, agora da casa, se transforma. O espaço ordinário precisou se transformar em um espaço extraordinário e, para isso, tivemos que imaginar, inventar e mudar o nosso olhar em busca de cantos, frestas, quinas, luzes, que nos inspiraram em composições e movimentos.

É preciso validar a trajetória e assumir a mudança. Vejo ganhos, e não são poucos. O resultado dessas pesquisas foi um material muito vivo. Registro de um momento histórico, de susto e imobilidade. Mas também de resistência e invenção.

Esse momento foi, a meu ver, um mergu-

lho profundo dentro de nossas casas, de nossos corpos-casa, de nossos corpos expressivos. Todas e todos nos perguntamos: o que mesmo ainda temos para dizer diante do incontrolável? E eu vi, vivi e revivi, produções cheias de símbolos e significados. A imaginação supre os espaços reduzidos e nos deu novos lugares, novas metáforas.

No final de 2020, nove meses mais tarde, uma gestação inteira, tínhamos muitas peças teatrais e de dança on-line em São Paulo. Trabalhos como *Alucinações sem idade*, da Cia. Nova Dança 4 ou *Corpo descabido*, do Núcleo Cinematográfico, para citar alguns dos trabalhos de dança contemporânea. Peças que acontecem ao vivo, ou no formato híbrido, entre gravações e imagens em tempo real. No Célia Helena, também vimos produções inovadoras e ousadas que refletem e expressam esse novo tempo e constroem uma nova maneira de fazer arte hoje.

Em 2021, vemos um público grande de pessoas assistindo, comentando e se emocionando com as produções. A arte resiste e se reinventa mais uma vez. E a busca não é só pela manutenção do fazer artístico, mas também pela emoção, pela profundidade, pela intensidade vital.

Fico com as imagens belíssimas, que vimos na volta parcial das salas de espetáculo. Vimos as cadeiras dos teatros cheias de bexigas de ar coloridas simbolizando os espectadores, ou, a plateia de 1500 lugares, representada por figurinos no Teatro Castro Alves na Bahia.

Ocupações que nos lembram que não há um novo normal que possa substituir a presença humana. Mas também, quase contraditoriamente, nos provam que as sensações e as emoções irão transbordar onde tiver arte. Artistas que seguem nos reafirmando a força dos corpos, das histórias vividas, do universo simbólico, dos afetos e das relações.

☆

Referências

- BÉZIERS, Marie Madeleine. **A coordenação motora: aspecto mecânico da organização psicomotora do homem**/ Marie-Madeleine Beziérs e Suzanne Piret; tradução Angela Santos. São Paulo: Summus 1992.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Sobre la experiencia**. Espanha: Aloma-Universitat de Barcelona, 2006.
- BORGES, Fernanda Carlos; CARON, Marina; PACHECO, Beatriz. Live no YouTube - Papo No Ar #4 (03/08/20) - **O corpo ausente**

e as relações e ensino e aprendizagem mediadas por computadores – Entrevista com Marina Caron e Fernanda Carlos Borges, Agosto de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZB34fk_YU2A

- CARON, Marina. Caderno especial Na quarentena - entrevista com Marina Caron. In **Jornal O Estado de S. Paulo** (13/04/20). págs. H 6,7, Abril 2020.
- LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 2019.

Notas

- 1 Juliana Moraes – Bailarina, coreógrafa, pesquisadora de corpo. Autora do projeto “Para afastar a peste” em 2020, que dá continuidade à sua pesquisa autoral. É professora Dra. do curso de Dança na UNICAMP.
- 2 Diogo Granato – Bailarino, performer e preparador de corpo. É professor de dança contemporânea e improviso cênico em seu estúdio Espaço e em diversas outras escolas de dança e teatro. Atua na Cia. Nova Dança 4. Faz a direção do coletivo Silenciosas, além de outras pesquisas na área de corpo.
- 3 Henrique Lima – Bailarino, coreógrafo e diretor de dança com espaço próprio de ensaio e criação, Treme Galpão. É professor de dança contemporânea e autor da dança-chão.
- 4 Célia Helena Centro de Artes e Educação (Brasil) – Escola de formação em Artes da Cena, fundada pela atriz Célia

Helena (1977) e sob a direção artística e pedagógica de Lígia Cortez desde 1997, oferece curso de teatro para crianças e adolescentes (Casa do Teatro), curso Técnico profissionalizante (Teatro-escola Célia Helena – TECH), Graduação (Bacharelado e Licenciatura), Pós-graduação Lato Sensu e Mestrado Profissional em Artes da Cena (Escola Superior de Artes Célia Helena – ESCH).

- 5 Marcelle Lemos (Brasil) – bailarina certificada pela Royal Academy of Dance. É formada pelo Arts Umbrella e Vancouver Community College. Em 2017, concluiu o curso técnico de teatro pelo Teatro-escola Célia Helena (TECH), onde atualmente cursa o Bacharelado em Teatro da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH).
- 6 Mateus Menoni (Brasil) – bailarino contemporâneo, fez aulas de dança no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida em Campo Grande/MS. Em 2015, formou-se em Teatro pelo

Teatro-escola Célia Helena (TECH). Participou do projeto Imersão dirigido por Marina Caron.

- 7 Depoimento concedido por Mateus Menoni para a minha pesquisa de mestrado, intitulada *Corpo Transborda*. Pesquisa realizada sob orientação da Profa. Dra. Sonia Machado de Azevedo, defendida em maio de 2021, no programa da Mestrado Profissional em Artes da Cena da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH).
- 8 Depoimento concedido por Marcelle Lemos para a minha pesquisa de mestrado, intitulada *Corpo Transborda*. Pesquisa realizada sob orientação da Profa. Dra. Sonia Machado de Azevedo, defendida

em maio de 2021, no programa da Mestrado Profissional em Artes da Cena da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH).

- 9 Texto original: La experiencia no esta del lado de la acción, o de la práctica, o de la técnica, sino del lado de la pasión. Por eso la experiencia es atención, escucha, apertura, disponibilidad, sensibilidad, vulnerabilidad, exposición.
- 10 Kempô indiano é uma arte de luta inspirada nos movimentos dos animais e ritmos da natureza. Acredita-se que sua origem venha de mais de 5000 anos.